

Era um jogo perigoso, mas Sônia, excitada e nua, queria que ele contasse, como
fora combinado, cada louco detalhe da traição

O PACTO

Ficção

Regina Duarte

"...que ela esteja dormindo. Tô morto."

Pensou isso na fração de tempo em que apertava o controle remoto do portão eletrônico da garagem, que se abriu obediente e sem ruído. Ele tinha azeitado as dobradiças antes de viajar, com o produto adequado. Que, entre outras coisas, adiava a ferrugem.

"...Chegou!", pensou Sônia, sentando-se na cama, excitada, assim que ouviu o motor do carro dele. Correu pro banheiro, a camisola longa esvoaçando, um renovado frisson, um quero-não-quero boiando na cabeça, acendeu a luz, voou de volta pro quarto, meteu-se rápida nas cobertas assim que apagado o abajur. Imóvel, agora, o coração voltando da boca pro peito, os olhos pousados na claridade que ficou invadindo, tímida, o quarto.

Henrique bebeu água na cozinha, sem acender a luz. "Seu eu ficar cego, aqui pelo menos eu me viro." E em seguida: "Que besteira". No corredor abriu uma porta e espiou de longe o bebê dormindo. Santo. Deixou a bolsona de viagem por ali e tirou o tênis.

Ela viu o marido atravessando o quarto na ponta dos pés em direção ao banheiro, como quem rouba. Ouviu os ruídos que ele fez lá dentro, depois de se esmerar em fechar a porta excessivamente devagar. Xixi, descarga, silêncio, porta-toalhas, silêncio, chuveiro... Esperou ouvir o corpo dele, "gostoso... tesudo...", entrando no banho, pra se decidir ficar nua. E foi assim que entrou, abrupta, no banheiro, rindo e invadindo o box, disputando com ele a água morninha.

Foram beijos longos, suspirados, gemidos, corpos colados na água, pausas pra tomar ar, risos e mãos passeando a pele, com força, com cuidados de quem recupera a memória.

Falaram juntos "...saúde!" Se olharam nos olhos, se examinaram de cima a baixo e se abraçaram um tempo forte, primeiro; feito irmos, quase, depois.

A água tinha um efeito relaxante que Sônia rompeu, pegando o sabonete e falando depressa, talvez um pouco alto demais:

— Da próxima vez eu vou junto, Rique, foi muito chato. Tive mil fantasias horríveis, cê tem que me contar tudo, pelo amor de Deus!

Ela ensabava o peito dele com uma energia que foi ficando lânguida e calculada na aproximação do baixo-ventre.

— Fantasia? Que fantasia, amor?

Ele tinha a cara voltada pro jato da ducha e ela não respondeu, concentrada eu no que estava fazendo, minuciosa, olhando e lambendo com o olhar, vontade de beijar, dentar, não agora, depois.

O membro reagiu, rijo. Henrique levantou com as duas mãos a cabeça dela para um beijo, mas ela escapou, escorregadia, riso maroto, pras pernas e pés dele. "Primeiro a tarefa", pensou. E mais: "Gueixa". Ajoelhada.

Henrique via a nuca e parte das costas da mulher, sardas. "Conto ou não conto?", ele se perguntava, um enternecimento feito pigarro. Tossiu.

Ela se ergueu como quem decide uma dúvida, lépida, e, entregando a ele o sabonete, saiu do box:

— O que me salvou nesses três dias foi que eu pensava: "Ele vai voltar com histórias incríveis, a gente vai rir de quase tudo e depois vai ser uma trepada.. Os olhos deles se cruzaram. Malícia.

— Agora. Fala, vai, tá mudo por quê?

Ele passava xampu no cabelo. Ela se enxugava pela segunda vez naquela noite.

Henrique sentiu as pernas pesadas, de repente. Tinham sido dias de muito trabalho, calor, equipe tensa, conta nova, resposta mesmo. E mais a história com a garota, a preocupação com o pacto. Era a primeira vez que acontecia, desde o casamento, três anos antes. "Será que ele vai conseguir contar?", pensava ela. "Será que ela vai conseguir ouvir?", pensava ele.

Sônia passou creme no corpo todo, de novo. Tinha um cheirinho bom e a pele absorvia rápido. Olhou pra ele ali, agarrado nas torneiras do quente e frio, absorto, a cara na água.

— Chega, Rique, vem, vem me contar tudo, anda...

Ela tinha estranhado o jeito dele no telefone. Quando deu dez da noite e ele não chamou lá do hotel, ela ligou. Atendeu um Henrique vacilante, desentendido, se

esforçando pra... “Tem mais alguém no quarto. Mulher.” Ela se fulminou, incendiada, taquicárdica. Ele negou. Ela lembrou do pacto, maxilares se travando. Ele acabou dizendo:

— Sônia.. amor, eu te amo. Não esquece. Amanhã à noite eu tô aí e a gente conversa, tá?

"Tem uma putinha qualquer dando pra ele. Ele tá comendo ela, o filho da puta. "Pronto: terremoto, furacão, fogo e frio. "Filho da puta", ela se repetiu desde então, enquanto choferava o filho pro pediatra, fazia ginástica, supermercado, faxinava a despensa, podava as buganvílias; e também: "Se ele me contar tudo, conforme o nosso pacto, eu perdôo. Tenho que perdoar. Canalha... Nelson Rodrigues... perdoa-me por me traíres..."

Sônia esperava por Henrique na cama, nua e subitamente calma.

Ele se enxugava devagar, caprichando no entre-os-dedos do pé, medo de frieira, e um pânico quase paralisante: "Eu começo, ou espero ela ir perguntando?.. Bom, sinceridade e calma. Tem o pacto, cacete. Calma".

Henrique deitou-se puxando-a de costas pra si, num abraço encaixado. Beijou-lhe de assalto a nuca e ela lhe ofereceu a orelha esquerda, que ele provou com a pontinha da língua, respirando fundo, precisando de mais ar.

Sônia escapou assim que sentiu a conhecida contração lá embaixo. Útero. E, numa agilidade e firmeza quase viris, virou-o de bruços e sentou-se lá, no cóccix, as duas mãos subindo e descendo as costas dele. Massagem.

— Conta, Henrique, senão eu não consigo. A piranha que tava lá no teu quarto quando eu liguei... era modelo ou da equipe?

— Ai, meu Deus...

— Começa logo, vai! A gente combinou, eu vou saber ouvir. Não vai doer mais do que já está doendo. Vai me fazer bem... anda, fala!

Henrique se flagrou gostando da pressão. Das pressões: ela a cavalo nele, aquele peso gostoso ali no fim da espinha. E a cara meio enfiada no travesseiro, não ter que olhar no olho dela... Era agora ou nunca.

E ele contou. De uma lufada só, como quem declama um relatório entediante. Com lampejos de desprezo às vezes, vítima quase sempre, pontuando algumas passagens com o orgulho dos que se submetem com fidelidade aos fatos. Macho se lavando. Entregue.

Sônia olhava pra um ponto neutro dentro de si mesma, debruçada nas costas dele. A certa altura se deu conta de que já ouvira o suficiente, ia começar a se intoxicar, uma coceira generalizada, um volume subindo do estômago, fechando a garganta. Seu olho muito aberto fez foco então num cravo que se oferecia bem ali, pouco acima da omoplata direita dele, e ela afiou as unhas, a boca salivando. Tirou um pedaço. Rápida e certa, feito cobra no bote. Ele se ergueu num grito.

— Tá louca? Quer me matar?

Ela riu com exagero.

— Desculpa, amor...

— Doeu, porra!...

— Tava uma coisa enorme, Rique, péra aí que eu vou desinfetar...

— ...porra nenhumal Quer bater, bate, mas assim... pelas costas... sacanagem!

Sônia já voltava do banheiro, rindo ainda, com algodão e álcool. Foi carinhosa. Passava o álcool e soprava, pedindo mais desculpas e perguntando:

— Dói ainda?... Dói?

— Já passou.

— Me ama ainda?

— Pra caralho, porra... Pensei em você o tempo todo, tô te falando...

E se voltando pra ela:

— E você, como é que cê tá? Me ama ainda?

Sônia se encolheu sob o olhar dele. Coitada de repente. Menininha órfã, triste e rígida, não conseguindo dizer nada, os dedos alisando, obstinados uma ponta de lençol, olhar baixo, pra dentro de novo.

Henrique puxou-a pra si, aconchegando-a, sábio, no colo, e ficaram assim um bom tempo. Ele embalando a inesperada criança, pra lá e pra cá... Uma sirene lá fora. "Ambulância", pensou ela. "Polícia", pensou ele.

E em seguida pensaram os dois na mesma coisa, porque se olharam de repente e fizeram um amor sôfrego, urgente, com ela dizendo "vem, vem, pelo amor de Deus, agora!" Orgasmos prematuros, fundos. Sede que pedia um gole só.

Ficaram então jogados, as respirações desacelerando devagar. Se olharam e sorriram. Era bom ouvir os grilos lá fora, um sono... Então, Sônia pediu:

— Conta de novo.

Gemido:

— De novo? Não... pra quê?

— Porque eu quero.. de novo! Tudo!

— Ah, Sônia, eu tô mais é querendo esquecer. Ponto final, amor, vai!

— Não. A última vez! Depois a gente esquece.

Ela se ergueu na cama, meio de joelho, se enrolando com o lençol, cobrindo a cabeça. E lá de dentro:

— ...aí ela entrou no teu quarto pra te mostrar as três opções de roupa que o figurinista etc...

— Ai, meu saco!.. Bom, como eu te falei, eu já tinha sentido o dia inteiro que tinha alguma coisa no ar. Muita pergunta, muito risinho de graça... Eu pensei: "Qual o problema? Uma experiência a mais. Vamos ver até onde ela vai".

— Você deixou ela entrar no teu quarto.

Henrique, inflado de suave irritação, senta na cama, puxa o lençol descobrindo o rosto dela e firme, olho no olho:

— Deixei.

Ela recolhe o lençol, se cobrindo de novo.

— Pára.

— A mulher tava ali na minha porta, profissional, com um monte de roupa na mão... Eu faço publicidade, Sônia, eu dirijo. Pra mim, ali, naquela hora, era trabalho. Entra, meu bem, claro, vamos lá...

— Ela entrou e tirou a roupa.

A voz dela vinha abafada lá de dentro do lençol.

— Foi.

— Calcinha e sutiã.

— Tudo. Eu pensei: “Porra!”

Sônia se livra do lençol num supetão dramático, *over* mesmo, eletrizada:

— Des-ca-ra-da!

Henrique relaxa. Conhece a mulher que tem: ela acaba de escapar da dor. Ele, então, afeta displicência:

— Com naturalidade, sabe... vestiu uma saia curta dessas de malha, justa, e um blazer que parecia seda. Aí, ficou andando pra lá e pra cá na minha frente, assim na ponta do pé, e me perguntando se eu não achava melhor ir buscar um salto pra eu ter uma idéia melhor...

Sônia se vê de repente passando as duas mãos no peito dele, enquanto faz uma voz que oscila entre ironia e tesão:

— E você disse: não precisa não, amor, aliás você sem nada é ótima.

Henrique não consegue deixar de sorrir, as mãos saboreando os braços dela.

— Isso... por aí. Aí, ela parou e me olhou. Era o código que ela esperava. Foi lá, trancou a porta e quando voltou cobriu o telefone com o travesseiro... por que será?

— O quê?

— O telefone coberto.

— Trauma dela com telefone. Vai, vai!

Sônia se agita, o lençol mais apertado, amassando os seios. Compressão. Henrique se deita, se estica todo. Bocejo.

— Ah... aí... foi.

— Ah, não! Assim, não! Foi... o quê?

— Já te falei: ela voltou pra mim já tirando saia e blazer.

—Você levantou da poltrona...

Os dedos dele fazem um pente gentil nos cabelos dela. "...gatinha safada..." A mão desce pelo ombro, escorrega pra cintura.

... e fiquei passando a mão assim, nas curvas dela...

Sônia se agarra firme no quadril ossudo dele:

— Ela foi então te puxando pra cama...

Respiração alterada, Henrique já quer brincar de outra coisa com uma Sônia humorosa, já, lá embaixo, ali. Pelos grandes lábios.

—Isso aí... e a gente... ai, Sônia, como você é gostosa, meu amor, bonita, tesuda, huuummm...

Se abraçam e chafurdam de novo um no outro. Brusquidões, doçuras súbitas, fusão, dilaceramentos, loucura. Morte e vida.

Rio, dezembro de 87

Henrique:

Agora que a gente já está legalmente separado, me deu vontade de te dizer uma coisa: lembra daquela noite... aquela primeira, do pacto? Aquela ótima, você me contando da modelo no teu quarto de hotel... faz o quê? Três anos, acho que isso.

Foi meu pedaço de vida mais feliz com você. Não quero esquecer nunca. Aquela noite, então... jóia rara. Sempre que penso num bom casamento, penso naquilo que a gente soube viver. Eu me amava e sabia que você me amava, eu te amava... Raramente me senti tão poderosa. Plenitude, mesmo.

Às vezes eu sonho que gostaria de ser aquela Sônia pra sempre, no mesmo teto, na mesma mesa, na mesma cama, com aquele mesmo Henrique. Cristalizados. E no entanto mudamos sempre. Não faz mal, é assim. Só queria que você soubesse, porque em geral a gente se distrai e deixa escapar coisas do maior valor.

O aluguel subiu de novo, o advogado te informou?

*Fui assaltada ontem mais uma vez: me levaram a bolsa com tudo e mais cinco mil.
Sorte que nenhum arranhão.*

No colégio do Pedro, corre que os aumentos vão ser da ordem de 110%.

Só pra você não ser pego desprevenido.

Tua amiga. Espero. Sônia.